

ENCRUZILHADAS ENTRE A METODOLOGIA DIALÉTICA, FOTOGRAFIA, CULTURAS AFROBRASILEIRAS E "FESTAS POPULARES DO BRASIL"

Hellen Mabel Santana Silva¹

Eduardo Oliveira Miranda²

Marise de Santana³

Luis Vitor de Castro Junior⁴

RESUMO: A lei 10639/03 preconiza que as escolas devem obrigatoriamente trabalhar com a história e culturas africanas e afrobrasileiras. Trata-se da possibilidade de dar voz a culturas silenciadas, mantidas sob a égide do esquecimento ou preconceito. Nesse prisma, elencamos o livro "Festas Populares no Brasil" de Lélia de Gonzalez (1987) como ferramenta pedagógica que possibilita ao educando perceber por meio de fotografias a territorialização da cultura africana e afrobrasileira nas festas que acontecem nos mais diversos estados do Brasil. Em consonância ao intento do livro e, como parte importante no processo de ensino-aprendizagem que desejamos alcançar, apresentamos a Metodologia Dialética que concebe o sujeito como ser ativo e construtor do seu conhecimento em meio ao seu espaço de vivência global e local. O educando poderá não conhecer sobre as festas, mas o mesmo possui alguma pré-interpretação acerca do tema, o que deverá ser utilizado como ferramenta mister para a construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Festa. Cultura Afrobrasileira. Fotografia. Metodologia Dialética

¹ Licenciada em Geografia – Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior – Visconde de Cairu. Mestranda em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Membro dos Grupos de Pesquisa "Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas dos Legados Africanos, Indígenas e Quilombolas - UESB" e "Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário- UEFS". hellenmabelss@gmail.com

² Licenciado em Geografia – Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS. Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior – Visconde de Cairu. Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Membro dos Grupos de Pesquisa "Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas dos Legados Africanos, Indígenas e Quilombolas - UESB" e "Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário- UEFS". eduardomiranda48@gmail.com

³ Professora PhD, docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC - UESB). nabaia@gmail.com

⁴ Doutor em História – PUC/SP. Professor Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS. Vice-Coordenador do Mestrando em Desenho, Cultura e Interatividade – UEFS. Coordenador do Grupo de Pesquisa "Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário- UEFS". axevisitor@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço que tem como característica fundamental a diversidade cultural. Perceber o outro – nesse caso, o educando – entendendo que o mesmo parte de contextos culturais variados faz-se necessário para que uma educação multicultural e significativa seja não somente implementada, como sobretudo, pensada pelos educadores. A lei 10639/03 preconiza que as escolas devem obrigatoriamente trabalhar com a história e culturas africanas e afrobrasileiras no intuito de valorizar as contribuições que os povos de matrizes africanas e suas culturas auferiram na história. Trata-se, pois, da possibilidade de dar voz a culturas silenciadas, mantidas sob a égide do esquecimento, ou do preconceito e depreciação.

Nesse prisma, faz-se necessário que o educador não somente aborde a temática da história e culturas africanas e afrobrasileiras, mas que este desenvolva uma metodologia que preze pela participação ativa dos educandos e entenda que os mesmos não estão estanques ao processo de interpretação e compreensão das formas simbólicas que constituem os conteúdos apresentados em sala de aula. Assim, elucidamos a Metodologia Dialética de Vasconcellos (1992) que concebe o sujeito enquanto ser ativo e construtor do seu conhecimento em meio ao seu espaço de vivência global e local.

Sendo assim, o educando poderá não conhecer detalhadamente a África, tampouco as diversas etnias que constituem a cultura do continente, mas alguma pré-interpretação acerca do tema o educando traz consigo, ainda que mínima, o que deverá ser utilizado pelo educador como ferramenta mister para a construção do conhecimento. O educador enquanto sujeito que media o processo de construção do conhecimento deve mobilizar o conhecimento prévio do educando. Para isso, provoca, desequilibra, possibilita que o sujeito imprima relação de significação com os conceitos e elabore representações. Inicialmente, na fase da síntese o educando é sensibilizado a pensar acerca da temática para, por conseguinte significar, problematizar, contextualizar e, por fim, sintetizar o conhecimento.

Tais fases não se desenvolvem estanques umas as outras, mas sim de forma dialética e circular uma vez que aqui o processo de aprendizagem não é

entendido de forma pré-determinada. Nesse prisma, a metodologia supracitada é dividida em fases que objetivam o desenvolvimento significativo do processo de aprendizagem percebendo o educando como ator principal que intervém, indaga, contribui e, por fim constrói conhecimento.

Destarte, tal metodologia emerge como uma ferramenta de suma importância para os educadores que intentam desenvolver um ensino que preze pelo respeito à multiculturalidade que compõe o espaço escolar, sobretudo no que cerne ao ensino significativo da história e culturas africanas e afrobrasileiras.

Em consonância com a metodologia destacada evidenciamos o livro “Festas Populares no Brasil” de Lélia de Gonzalez (1987) como ferramenta pedagógica que possibilita ao educando perceber por meio de fotografias a territorialização da cultura africana e afrobrasileira nas festas que acontecem nos mais diversos estados do Brasil, bem como construir conhecimento acerca da história e culturas africanas e afrobrasileiras. Destarte, trabalhamos com a seguinte problemática: *De que forma a encruzilhada entre a Metodologia Dialética de Vasconcellos e a obra “Festas Populares no Brasil” podem contribuir com a Lei 10.639/03?*

Portanto, a partir do questionamento acima é que tecemos o artigo a seguir, ressaltando que as suas bases norteadores estão pautadas nas discussões dos grupos de pesquisa "Educação e Relações Étnicas: saberes e práticas de Legado Africano, Indígena e Quilombolas - UESB"⁵, assim como o grupo "Artes do Corpo: memória, imagem e imaginário - UEFS"⁶.

FESTAS AFROBRASILEIRAS E FOTOGRAFIA

As festas demarcam um fazer coletivo que representa um momento oposto à rotina dos sujeitos, uma vez que nela é possível celebrar as identidades. Para Duvignaud (1983), a festa, assim como o transe, permite às

⁵ Grupo de pesquisa credenciado pela CAPES, liderado pela Professora PhD Marise de Santana, docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e coordenadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC - UESB).

⁶ Grupo de pesquisa credenciado pela CAPES, liderado pelo Professor Dr. Luis Vitor Castro Junior. Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenho, Cultura e Interatividade (PGDCI – UEFS).

peças e às coletividades sobrepujarem a “normalidade” e cheguem ao estado onde tudo se torna possível porque o indivíduo, então, não se inscreve apenas em sua essência humana, porém em uma natureza, que ele completa pela sua experiência, formulada ou não.

As manifestações culturais são acontecimentos encadeados na memória coletiva de uma localidade configurando-se como espaços de sociabilidade entre aqueles que a vivenciam (HALBWACHS, 2006). Contudo, a festa é também lugar da diferença, do embate. Seja de caráter profano ou religioso – no caso da festa em questão, caracterizada pelos dois lados – o festejar tem no seu bojo o momento de reunir as diferenças.

Del Priori (2000), aponta que nas celebrações de cunho sagrado é possível visualizar a junção entre o religioso e o cultural de um povo, uma vez que no festejar os sujeitos imprimem as suas identidades e/ou as recuperam. O sentimento de coletividade também surge em meio à festa uma vez que os sujeitos sentem-se ligados uns aos outros pelo fato de comungarem da mesma fé. Acreditar numa força superior pauta-se como uma necessidade inerente ao ser humano, algo que carregamos até mesmo inconscientemente e que está atrelado à nossa própria cultura.

Enquanto momentos de comemoração as festas criam espaços de manutenção de tradições e de participação e convivialidade entre os sujeitos que delas participam. Segundo Amaral (1998) a festa é capaz de celebrar, ironizar, sacralizar a experiência social e também pessoal. É capaz ainda de resolver, ao menos no plano simbólico, contradições da vida social, apontando para um mediador entre as estruturas econômicas. Na festa as diferenças são compartilhadas e vivenciadas de forma coletiva.

Ao analisar as festas afrobrasileiras que acontecem no território brasileiro é possível perceber nas procissões, no rodar das saias das baianas que fazem as suas performances durante as lavagens, desenhos que demarcam simbologias oriundas das culturas daqueles que vivenciam as festas.

Nesse momento o desenho é entendido sob o prisma de Gomes (1996) como uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos. Ainda nesse prisma, Ferreira (2001) afirma que o

desenho vem a ser um sistema de signos ou sinais que comunicam, expressam valores, ideias. Ou seja, por meio do desenho é possível representar, comunicar, o que o torna uma linguagem.

Entendendo que a fotografia está intimamente relacionado ao desenho uma vez que o último constitui-se enquanto atividade mental, intencional que, assim como a fotografia intenta revelar, representar (KOSSOY, 1989). Ao escolher um objeto, focar, enquadrar e disparar o botão da câmera o sujeito imprime instantaneamente sua intencionalidade: destacar ou não algo que lhe chamou atenção, que tem significado.

Aqui a imagem é pensada enquanto ferramenta que evoca, invoca e encanta por conter simbologias e aportes significantes que conversam e representam o outro e que, assim como o desenho, transcendem o aparentemente visível. Ora, se a imagem representa interfaces do ser e seu caráter vai além da concretude do perceptível aos olhos, podemos inferir que ela dialoga, sobretudo com a memória e o imaginário dos sujeitos.

Nesse prisma, vislumbramos em Morin (1975) a possibilidade de conceber a imagem enquanto uma dupla existência:

Para compreender mais profundamente como uma imagem pode ter acesso à existência como “duplo”, é preciso compreender que todo objeto tem, a partir de então, para o sapiens, uma dupla existência. Por meio da palavra, do sinal, da inscrição, do desenho, esse objeto adquire uma existência mental até mesmo fora de sua presença. Assim, a linguagem já abriu a porta à magia: desde o momento em que toda e qualquer coisa traz imediatamente ao espírito a palavra que a identifica, essa palavra produz imediatamente a imagem mental da coisa que ela evoca e confere-lhe presença, ainda que ausente.

Em consonância com o pensamento desenvolvido por Morin, Eliade (1991) versejam que a imagem não se resume a um aparente recorte da realidade que intenta tão somente comunicar algo. Enquanto base arquetípica de símbolos a imagem, pois, desempenha o papel de elo religante entre o pensar e o experienciar, entre o passado e o presente que evoca e invoca memórias e é justamente por meio dela que se desvelam as relações simbólicas que substanciam as subjetividades humanas.

Os símbolos contidos numa fotografia não se findam em si mesmos, haja vista que enquanto elementos que estruturam os sentidos do existir são passíveis de percepções e interpretações múltiplas a depender de quem lê a imagem, de como e de onde a mesma é lida.

Ademais, o simbólico não é explicável pela via da denotação, o que implica em conceber que sua polifonia e sua dinamicidade não são passíveis de aprisionamento conceitual. Um símbolo justaposto em uma imagem ou desenho é semântico, inventivo, plástico, representa o outro e suas reentrâncias e, justamente por isso é impregnado de sentidos múltiplos.

Dessa forma, o desenho, assim como a fotografia são bem mais que construções humanas estáticas e denotativamente palpáveis capazes de limitar o ser e suas subjetividades e, com isso o coisificar. Tais ferramentas são responsáveis por integrar polos, possibilitar trocas e compartilhamento dos mais diversos sentidos, evocar e invocar memórias, valores e mitos que contornam as vivências humanas e que nelas se refazem.

A contribuição da obra “Festas Populares no Brasil” de Lélia de Gonzalez (1987) está para além do justaposto em seu intento inicial que se dá em apresentar as festas populares distribuídas ao longo do território brasileiro. Ao utilizar a fotografia como base de seu trabalho, Gonzalez (1987) reporta as festas populares como lugares interculturais onde estão contidas intensas e complexas relações de poder e potências criadoras de situações espirituais, culturais e mitológicas, nas quais estão contidas o jeito afrobrasileiro de dançar, tocar e jogar, potencializando os momentos festivos como fluxos de acontecimentos únicos que têm suas tramas, seus efeitos e seus mistérios:

As festas afro-brasileiras são o efeito simbólico de um extraordinário esforço de preservação de formas culturais essenciais trazidas de um outro continente e que, aqui, foram recriadas sob condições as mais adversas. Afinal a população negra não veio para o Brasil como imigrante, mas como escrava (GONZALEZ, 1987, p. 90).

Ademais, o livro se desvela como ferramenta pedagógica que possibilita ao educando perceber por meio de fotografias a territorialização da cultura africana e afrobrasileira nas festas que acontecem nos mais diversos estados do Brasil, assim como compreender os símbolos e mitos que as imagens carregam e que viabilizam o ensino das culturas de matriz africana.

A METODOLOGIA DIALÉTICA COMO SUBTERFUGIO NA APLICAÇÃO DA LEI 10639/03

A lei 10.639/03 preconiza que as escolas devem obrigatoriamente trabalhar com as histórias e culturas africanas e afrobrasileiras no intuito de valorizar as contribuições que os povos de matrizes africanas deixaram na história. Trata-se, pois, da possibilidade de dar voz a culturas silenciadas, mantidas sob a égide do esquecimento, ou do preconceito e depreciação.

Tendo em vista que a escola contém um grande arcabouço da diversidade cultural, visto que cada aluno é único, detentor de realidades e vivências distintas, entendemos que cabe a nós, educadores produzir um *currículo*⁷ que possibilite conhecer melhor os nossos alunos. Por meio da valorização do conhecimento extra classe, ou seja, o conhecimento do senso comum, ou ainda, como defende Thompson (1990), nas pré interpretações que cada sujeito possui acerca de um dado fenômeno, podemos destacar temas geradores para discussões.

O ato de ensinar implica em “[...] estabelecer metodologias que permitam converter as contribuições étnico-culturais em conteúdos educativos, portanto, fazer parte da proposta educativa global de cada escola.” (GADOTTI, 2000, p. 43) A mera reprodução de conteúdos não contribui para uma aprendizagem significativa. De forma contrária, diretrizes curriculares pouco refletidas introduzem ainda que indiretamente conceitos equivocados, preconceitos, intolerância, dentre outras questões.

Segundo Canen (2001), um currículo multiculturalista pode ser construído a partir de alguns paralelos. O primeiro deles refere-se ao elo entre a pluralidade cultural mais ampla e a existente na sala de aula. Podemos entender como uma relação entre o global e o local. Não se trata de pormenorizar uma em detrimento da outra, mas de demonstrar que o local, o vivido, experimentado pelos educandos deve ser valorizado.

Nesse prisma, elencamos a Metodologia Dialética de Vasconcellos (1992) que concebe o sujeito enquanto ser ativo e construtor do seu conhecimento em meio ao seu espaço de vivência global e local. A base da supracitada metodologia está na divisão do ensino aprendizagem em fases que não se desenham de forma estanque ou pré-determinadas, mas que se

⁷ Na obra “Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo”, o autor Tomaz da Silva (2007) afirma que o currículo tem o objetivo de modificar as pessoas que vão seguir aquele currículo.

entrelaçam e desenvolvem de modo a atingir o objetivo principal: possibilitar que o educando seja sujeito ativo e construtor do seu conhecimento.

Para tanto, o educador enquanto sujeito que dirige o processo de construção do conhecimento deve mobilizar o conhecimento do educando. Assim, provoca, desequilibra, possibilita que o sujeito imprima relação de significação com os conceitos e elabora representações acerca do mesmo. Trata-se do momento de sensibilização, onde o educador tem noção que o educando é um ser ativo no processo de aprendizagem.

Na síncrese, fase em que o educando tem o primeiro contato com o conceito a ser trabalhado. Os significados ainda não estão bem estabelecidos, mas a pré interpretação acerca do tema já possibilita que o educador possa mediar o processo de ensino de forma significativa.

Ao analisar fotografias de festas afrobrasileiras o educando pode estabelecer co-relações com conceitos que a imagem em si possivelmente não revela em primeira instância. Assim, o uso da fotografia na fase da síncrese emerge como possibilidade de não somente motivar, mas instigar os educandos a compreenderem a história e cultura dos povos de africanos e afrobrasileiros.

No segundo momento do processo de interação o educando deve penetrar no objeto, dissecá-lo a fim de conhecê-lo e, posteriormente elaborar relações, representações mentais acerca do mesmo. Dessa forma, se inicialmente ele percebe a imagem da festa, suas cores, símbolos, em um segundo momento do processo de ensino aprendizagem ele analisa esses elementos traçando significações e representações com a sua realidade. Para tanto, apontamos o exemplo da festa de lemanjá, fazendo uso da fotografia do livro “Festas Populares no Brasil” de Lélia Gonzalez.

Na foto abaixo o fotógrafo tentou destacar o momento em que filhas e filhos de Santo presenteavam a rainha do mar durante a sua festa. O educador pode utilizar a fotografia em questão para trabalhar os mitos africanos que contam a história da criação do universo uma vez que, lemanjá juntamente com Olodumare criaram o mundo dividindo-o em seus elementos naturais: água, terra, fogo, ar, bem como os demais caracteres da natureza. A cada orixá foi doado um elemento para que o mesmo se responsabilizasse e

garantissem a extensão do poder de criação. Ademais, Iemanjá seria a dona de todas as cabeças (PRANDI, 2001).



Imagem 1: amanhecer de 1° de janeiro, nas praias cariocas (GONZALEZ 1987, p. 99).

Os mitos das religiões de matrizes afrobrasileiras narram a criação do mundo e a relação entre os deuses, homens e a natureza, estabelecendo a ponte do começo da vida, as características ancestrais e sua continuidade no presente, sobretudo no culto aos orixás.

Outra possibilidade é trabalhar a geografia do continente africano associando aos orixás, uma vez que esses estão interligados a cidades e estados da África. Trazendo para escala local é possível trabalhar a territorialização dos povos africanos na Bahia e sua influência nas festas que acontecem ao longo do espaço baiano. Assim, o educador desenvolve um ensino significativo e que contribui diretamente para a lei 10.639/03.

Na terceira fase o educando, deverá sistematizar os conhecimentos apreendidos até aqui. A síntese não se remete a um mero resumo, mas sim a construção de uma compreensão concreta, integrada acerca do objeto. Ou seja, nessa fase o educando pode gerir a materialização e objetivação da construção do conhecimento articulado com a realidade no sentido de transformação.

Assim, entender o culto a Iemanjá que acontece nas ruas de Salvador não se finda enquanto único entendimento, uma vez que o educando poderá analisar e compreender a historicidade do culto desde a sua arkhé, as simbologias, territorialidades e demais aspectos que fazem parte do contexto do tema.

Na foto abaixo, que representa a festa do Senhor do Bonfim, é possível estudar a predisposição territorial que o festejo desenha na cidade de Salvador.



Imagem 3: O cortejo da Lavagem do Bonfim em Salvador – Bahia. Credito de Aristides Alves (1987, p. 104).

Portanto, ao constituir essas etapas da Metodologia proposta por Vasconcellos o educando trilhou caminhos que o conduziu a espaços locais,

bem como em escalas que ultrapassam a sua localidade, o seu espaço de vivência ou até mesmo o seu país e continente. É justamente por oportunizar esse movimento que a Metodologia Dialética se torna uma aliada na efetivação da Lei 10.639, posto que o educador consegue, caso desenvolva uma didática coerente, transpor os seus alunos a espaços longínquos, mas que o mesmo tempo podem está cotidianamente imbricados na sua vivencia. É uma perspectiva prática-pedagógica de evidenciar que a “África tá lá, mas também tá aqui”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar das manifestações culturais africanas e afrobrasileiras nos reportamos automaticamente aos valores religiosos que na concepção de Lélia Gonzalez foram de suma importância na resistência, bem como na continuidade da arqué africana. Na visão dessa estudiosa o *jogo duplo*⁸ serviu enquanto estratégia para demonstrar aos dominantes a assimilação com os valores religiosos eurocêntricos. Nesse prisma, os negros articulavam-se e recriavam formas de vida e de pensamento, como afirma Gonzalez:

Através desse processo de resistência/acomodação, os escravos foram atuando nos espaços permitidos e recriando clandestinamente seus cultos e ritos, seus valores culturais, sob a forma inocente das “brincadeiras de negros”, dos folguedos, dos batuques. (1987, p. 90)

A lei 10639/03 preconiza que as escolas devem obrigatoriamente trabalhar com a história e culturas africanas e afrobrasileiras no intuito de inserir nos currículos outros constructos histórico-culturais como elementos potencializador para visibilizar populações que foram e continuam a ser extremamente relevantes na produção e reprodução do que se entende por Brasil.

Gonzáles (1983), trouxe interessantes contribuições sobre o legado afrobrasileiro nas festas populares. Ela preocupa-se em afirmar a importância dos negros no processo de ocupação do espaço público como lugar estratégico

⁸ Na utilização da terminologia “duplo” Lélia Gonzalez se aproxima das considerações dispostas na obra “A verdade Seduzida” de Muniz Sodré (1983), na qual o autor estabelece que a formação social brasileira se deu pela coexistência de duas ordens culturais a branca e a negra, sendo que a negra precisou de meios para forjar a assimilação com as imposições culturais do grupo dominante.

para expressar seus saberes e sua religião, reinventando as festas populares, a partir de seus conhecimentos ancestrais.

Nesse prisma, a Metodologia Dialética emerge como uma possibilidade para educadores efetivem um ensino significativo e atento à diversidade cultural que cada educando traz em sua vivência. Mais que isso, tal pressuposto metodológico reverencia a história e cultura dos povos africanos e afrobrasileiros no sentido da valorização da arkhé dos antepassados, das ancestralidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, R. de C. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese de doutorado do Departamento de Antropologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1998.

AMARAL, R. de C. **Sentidos da festa à brasileira**. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm>. Acesso em: 05 de maio de 2014.

CANEN, Ana.; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa,. **Ênfases e omissões no currículo**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

Del Priore, Mary Lucy. **Festas e utopias coloniais**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Edson Dias. **Fé e festa nos janeiros da cidade da Bahia: São Salvador**. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado (Doutoramento em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FERREIRA, L. D. M. e. **Festas religiosas**: uma manifestação cultural de Mariana. Ouro Preto ETFOP, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Luis Vidal de Negreiros. **Desenhismo**: Luis Vidal de Negreiro. Santa Maria. Editora da UFSM, 1996.

GONZALEZ, Lelia. **Festas populares no Brasil = Popular Festivals in Brazil**. 2. ed Rio de Janeiro, RJ: Index, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: Por um conceito de cultura no Brasil: Rio de Janeiro, CODECRI, 1983.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Metodologia Dialética em Sala de Aula**. In: *Revista de Educação AEC*. Brasília: abril de 1992, n. 83.